

RUI BARBOSA NO SEU SESQUICENTENÁRIO

Mário PIRES

Rui Barbosa de Oliveira, literariamente conhecido apenas por RUI BARBOSA, nasceu na capital baiana aos 5 de novembro de 1849, filho do Dr. João José Barbosa de Oliveira e de Da. Maria Adélia Barbosa de Oliveira. Transcorreu, portanto, neste ano o seu sesquicentenário, sem dúvida uma das grandes efemérides culturais, juntamente com o também sesquicentenário de Joaquim Nabuco, a assinalarem nosso calendário cívico.

Num dia de seu aniversário, no ano de 1952, já consagrado como o “dia da cultura”, sendo diretor do Colégio Estadual Monsenhor Nora, em Mogi-Mirim, reunida toda a comunidade escolar, proferimos o discurso alusivo à efeméride, e iniciamo-lo com uma frase do progenitor de nosso homenageado: “Rui, tu és o advogado dos cachorros”. Batista Pereira, seu genro, escreveu em seu livro “Vultos e episódios do Brasil” que o motejo paterno seria um vaticínio, pois Rui foi sempre advogado. Advogado, às vezes, dos pequenos, às vezes dos grandes, mas sempre, e sobretudo, advogado. Advogou a causa dos escravos: eis a Abolição; advogou a causada Federação: eis a República; advogou a causa das nações: eis a Conferência de Haia; advogou a causa da Humanidade, eis o Sermão da Montanha, em Buenos Aires. Não seria preciso mais para provar que o traço principal de sua vida foi o do advogado, entranhável em todas as suas atitudes. Entra a vida como a advogado dos cães; punge barba como advogado dos homens; amadura como advogado das nações; envelhece como advogado da humanidade. Grande existência, grande advogado, grandes clientes, grandes causas!

Na sua morte não deixou amigos políticos. Não deixou partidos. Não deixou Estados. Não deixou família poderosa. Não deixou

órgãos de opinião. Não deixou sucessores da sua autoridade e do seu gênio. Justo, principalmente, é o que ele foi. Três vezes justo. Vida de arminho e coração de cristal. Esse homem que começou a sua carreira defendendo os direitos de uma órfã, vítima da lascívia de um senhor, a quem a opulência teria garantido a impunidade, se já não tivesse nascido o defensor de Dreyfus. Arquiteto do regime. A que deu a chave de abóboda na Constituição, e a pedra angular no Supremo Tribunal, nenhuma vida mais ligada a ele. Raiava a alvorada republicana; não tínhamos precedentes para o regime que se iniciava; tudo estava por aprender e ensaiar. O evangelista perdeu em 1892 a batalha do Direito, que já era a do civilismo. E a ditadura apontou-lhe o caminho do exílio. O Brasil levantou-se todo, no que tinha de melhor, e cerrou fileiras em torno de seu nome. O ano de 1892 tinha revelado ao de 1910 a força inerme do direito.

O Pai. Formado em medicina por vontade de seu genitor, a verdadeira propensão de João José Barbosa de Oliveira era o jornalismo e a política. Numa crise política da época, viu realizado um dos seus sonhos da mocidade: a cadeira de deputado, na metrópole. Custou-lhe muito separar-se do filho querido. A política, porém, seduzia-o muito. E João Barbosa, com a intolerância de um cristão que partia para a guerra santa, viajou rumo à Corte. Maria Adélia, sua esposa, preferiu ficar com os filhos.

Fez-se logo íntimo amigo de dois deputados, Antônio Jacobina e Saldanha Marinho, havendo entre os três perfeita compreensão. Outro deputado com quem se avistava freqüentemente era Francisco Otaviano, correto jornalista, espírito meio cético e culto, amigo do Imperador, de quem dizia aos colegas quando lhe perguntavam por Sua Majestade: “Vai bem... fazendo maus versos e criticando os bons... Pequeno defeito do qual Pedro II nunca logrou corrigir”.

O desfecho das divergências iniciadas nos bastidores foi a nomeação de Manuel Dantas para a presidência da Bahia. Luís Antônio estava vencido. E, imprevisivelmente, João Barbosa colocou-se ao lado de Saraiva e Dantas contra o cunhado. Ambos intolerantes, ambos exaltados, ambos Barbosas nas suas paixões, a querela política degenerou em áspera inimizade pessoal.

A luta desencadeou-se violenta e sem limites. Na imprensa e no parlamento agrediram-se sem piedade, inteiramente esquecidos do

parentesco e do passado. Maria Adélia sofreu com a desavença entre o marido e o irmão, e muitos censuraram o procedimento de João Barbosa, que julgavam inexplicável e injusto. Rui, porém, identificou-se logo com o ódio paterno: Luís Antônio era também seu inimigo. Maria Adélia não suportou aquela briga de família. Acabrunhada, faleceu um ano depois, em 16 de junho de 1867.

Rui cursava em Recife o segundo ano jurídico, o que o levaria a escrever mais tarde, por ocasião da morte da irmã: “Como minha mãe, foi-se, sem que eu, ao menos, a pudesse abraçar na partida”. Para o coração do filho, desaparecida Maria Adélia, o mundo transformava-se num ermo insuportável. Ao retornar do Recife, Rui encontrou a casa vazia e triste. Por aquelas salas amigas não mais veria mover-se, dirigindo o lar com autoridade suave, o perfil da mãe, de quem herdara a exagerada sensibilidade.

Entre Rui e Brites, sua irmã, apesar de reinar a melhor camaradagem, havia breves cenas de ciúme, pois ela se dizia preterida pelo pai. Suspeita em parte verdadeira, pois sobretudo agora, depois da viuvez e da luta com o cunhado, João Barbosa ainda mais se apegara ao filho, “o meu Rui”, como o chamava cheio de orgulho.

A Câmara foi dissolvida porque os liberais foram despojados do poder. João Barbosa, como se lhe não bastasse perder a cadeira de deputado, não tardou em ser demitido do emprego na Bahia. Era o espectro da miséria a bater-lhe mais uma vez à porta.

Para João Barbosa surgira um grave problema: não tinha recursos para manter o filho em São Paulo. Morta Maria Adélia, extinguiu-se a única fonte certa de renda da família - o fabrico doméstico de doces - e que permitira ao marido enfrentar uma situação idêntica dez anos atrás. Rompera definitivamente com a medicina e apenas ganhava alguma coisa em modestos serviços e advocacia confiados por amigos, como Saldanha Marinho, Tito Franco e Nabuco. Entretanto, muito pouco para atender às despesas do filho.

João Barbosa, como quisesse educar o filho nesse exemplo do “sacrifício coroado pelo sacrifício”, suportou-com altivez. Rui sentia-se orgulhoso da atitude do pai cuja bravura era tão grande quanto os revezes que lhe batiam à porta. Às dificuldades financeiras somara-se grave enfermidade e João Barbosa escrevia ao filho:

“Calculo quanto te inquietará a falta de cartas de casa, por tanto tempo, e por aí imagina o que tantas vezes tenho passado. E é também verdade que o coração te era presago de algum modo. Verás com efeito dessa minha anterior que me chegou doença mais séria do que se pensava. O meu mal está nos centros nervosos, é na medula espinal, parte superior, o qual tem o condão de nos privar mais ou menos das pernas. Por isso, conquanto hoje tenha apetite devorador e a inteligência como dantes e o mais, todavia não posso andar senão como bêbado, dançando, equilibrando-me ou apoiando-me como roda nalgum ou nalguma coisa. Entretanto, lá já vão 39 dias”.

E alguns dias depois:

“Dei-te parte do meu estranho padecimento autal. Vou melhorando, conquanto lentissimamente, das pernas e do andar; porém, do ouvido esquerdo continua a zuada, a chiada de cigarras, a surdez ora total ora não, conforme os dias úmidos ou não”.

E continuava, esperançoso:

“Não me importo de perder o ouvido, do mais me incomodo, porque não careço só da vida, preciso muito de saúde para a nossa família. Deus é grande, Ele me tem sempre valido, ou valido a vocês, que é só e só o que me liga a este val de dores, do qual já estou bem farto, posto que bem cedo, visto como nunca eu gozei”.

Mas, a admiração de Rui pelo pai não conheceu limites. Desde pequeno, apesar dos ciúmes de Brites, Rui fora o preferido de João Barbosa, que, a princípio, lhe servira de mestre. Com o tempo fizera-se o seu melhor amigo. Jamais entre um pai e um filho se notara solidariedade tão perfeita. Fisicamente parecidos, ambos de baixa estatura, assemelhavam-se também no gênio impetuoso e irascível, escondendo-se sob maneiras muito polidas e educadas. E admirava-se reciprocamente.

Essa união foi abruptamente desfeita pelo falecimento de João Barbosa, em novembro de 1874. Morte inesperada. Em três dias uma inflamação intestinal causou o desfecho fatal. E João Barbosa,

como bom cristão, depois de reconciliado com Luís Antônio, que fizera chamar pelo filho, recebeu os sacramentos da Igreja. Rui viu-se inteiramente só, sem ter a quem recorrer nos momentos de aflição. Seus melhores amigos estavam ausentes.

O homem múltiplo.

Rui Barbosa iniciou os estudos jurídicos na Faculdade do Recife, transferindo-se em 1868 para a de São Paulo, pela qual se graduou em 1870. Inteligência privilegiada, logo se destacou entre seus colegas, ganhando a admiração de seus mestres; teve como contemporâneos, entre outros, Joaquim Nabuco, Castro Alves, Rio Branco, Rodrigues Alves e Afonso Pena. Regressando à sua província, começou a advogar, defendendo causas de pobres; daí, a já citada expressão do pai: “Rui, tu és o advogado dos cachorros”. No “Diário da Bahia”, órgão do Partido Liberal, fez suas campanhas políticas.

Em 1876 casou-se com d. Maria Augusta Vieira Bandeira, mulher de grande personalidade, humana, simpática e o grande amor de Rui, que o acompanhava em quase todas as suas viagens.

Em 1884, o Imperador conferiu-lhe o título de “Conselheiro”. Foi um dos grandes abolicionistas. Foi ministro da Fazenda e da Justiça no governo de Deodoro. Em 1890 foi eleito para o Senado pela Bahia. Devido à destemida oposição a Floriano Peixoto teve que ir para o exterior e, na Inglaterra, em 1895, escreveu “Cartas de Inglaterra”, na qual se inclui o escrito em defesa de Dreyfus, uma das primeiras escritas em favor do injustiçado oficial francês. Quando da elaboração do projeto do Código Civil, ocorreu a famosa polêmica com Carneiro Ribeiro, da qual resultou “Réplica”, um dos seus famosos livros.

Em 1907, por indicação do Barão do Rio Branco, participou da Conferência da Paz, em Haia, onde se reuniram 48 países. Sua atuação e, particularmente sua defesa da democracia e do respeito devido a todos os países minoritários, como o Brasil, valeu-lhe o epíteto de “Águia de Haia”.

Sua célebre “Oração aos moços”, discurso de paraninfo dos acadêmicos de 1920 da Faculdade de Direito de São Paulo, constitui o ápice de sua atuação na literatura brasileira, verdadeira obra prima.

Afinal, depois de uma fértil e brilhante vivência nos estudos, na advocacia, defendendo os desvalidos, na política, na disputa à presidência da República, tudo coroado com a espetacular presença na Conferência de Haia, Derrotado na política, foi um vitorioso em seu abençoado lar, a companhia de sua esposa, presente até seu último momento de vida. Vencido pela doença, falece em Petrópolis, a 1º de março de 1923.

Sua memória tornou-se das mais lembradas em todos o país. Diversas cidades erigiram-lhe estátuas ou simples bustos. É significativa lembrar que a nossa Campinas foi a primeira delas, com seu busto inaugurado em 1924 no mais belo jardim da cidade, a Praça Carlos Gomes. Da mesma forma, também, cremos não haver no Brasil cidade que não tenha dado seu nome a alguma via pública.

Rui Barbosa referia-se sempre com carinho à nossa Campinas, cidade que ele sempre visitava, pois aqui tinha parentes. Uma tarde, impressionado com o espetáculo da revoada das andorinhas a se recolherem no prédio a elas destinado, bem em frente à Escola Normal, compôs uma de suas mais belas páginas, que, a seguir, e finalizando esta nota em memória do grande brasileiro em seu sesquicentenário, transcrevemos na íntegra, apesar de já bastante divulgada:

“Muitas e muitas vezes me atraíu aqui, nas tardes de estio, à vossa praça de Carlos Gomes, o espetáculo de volta das andorinhas. Louvada seja a vossa edilidade, por haver respeitado essa maravilha e não ter desfeito a antiga pousada a esses alados mensageiros do espaço. Os estranhos, os peregrinos da curiosidade e do gosto virão com freqüência contemplar embevecidos, como eu, o incomparável quadro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxar nas telas com as mais suaves tintas de sua paleta. Algum poeta o dedilhará na lira, em versos que perdurem como os de Anacreonte.

Eu não canto, nem pinto. Mas revejo e recordo.

Pelo límpido azul já sem sol, antes que se esvaia de todo o oiro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentúa em negro na

cúpula do firmamento, lá, bem no alto, bem em cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente de além, varasse ali a redondeza anilada.

Era um; e, logo após, já são muitos, já vem surdindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam; se recruzam; já se encontram e circulam; já se condensam e escurescem. Eram um grupo; e já formam um bando, já vem crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vem-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sóbria, ponteada de branco, a librar-se sobre a terra e a imensidade, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhoando e restrugindo com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristal que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos de dezenas e dezenas de milhares, pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, por sobre o largo telheiro abandonado, que essa aérea multidão erradia elegera entre nós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão.”